

## **Exposição**

“Mundo Rural e Agrícola Alentejano pelas mãos de J. A. Capela e Silva”

Galeria Municipal D. Dinis

26 de setembro a 28 de novembro 2020

### **J. A. CAPELA E SILVA**

José Alves Capela e Silva nasceu em São Vicente da Guarda a 30 de novembro de 1884, e faleceu a 8 de dezembro de 1972.

Fez os seus estudos em Santarém, onde se formou-se em 1903 na Escola de Regentes Agrícolas. Em 1907 fixa-se no concelho de Elvas, onde se apaixona e casa com a filha de um importante lavrador local. Esta união veio-lhe proporcionar o contato direto com a vida rural alentejana e o seu mundo agrícola.

Trabalhou como regente agrícola numa importante escola local, mas dedicou grande parte da sua vida aos estudos etnográficos e filológicos da região alentejana, cujas temáticas abordaram a ruralidade e a atividade agro-pastoril. Deste seu trabalho como investigador resultaram inúmeros artigos para vários Jornais e Revistas e algumas obras da sua autoria, nomeadamente “*Ganharias*” (1939) ou “*A Linguagem Rústica no concelho de Elvas*” (1947).

Dada a sua importância como investigador da etnografia local, colaborou com o Secretariado de Propaganda Nacional e foi um dos responsáveis pela recolha de objetos com vista à representação do Alentejo no Museu de Arte Popular.

Para além do seu trabalho como investigador, destacou-se ainda como escultor em madeira. E é esse seu trabalho que nesta exposição é apresentado. Peças que retratam figuras rurais femininas e masculinas, com trajes fielmente reproduzidos, em cenas da vida rural e agrícola alentejana.

Os trabalhos aqui expostos pertencem ao acervo do Museu Rural de Estremoz, o qual teve em J. A. Capela e Silva uma preciosa ajuda na sua fundação em 1951.

## **Semeador**

*Madeira e têxtil*

1947

“O Semeador”

O semear era uma tarefa executada apenas por trabalhadores com conhecimentos específicos, não um trabalho indiferenciado, se bem que algumas casas evitavam a contratação destes por serem muito caros, preferindo a utilização de um *Ganhão* com aptidão para o bom desenvolvimento da tarefa. Em tempos mais antigos, havia também um outro trabalhador associado à semeadura, o chamado *Embelgador*, cuja tarefa consistia em dividir a terra em regos pequenos, descrevendo faixas largas e compridas, a que se chamavam belgas, cujo objetivo era nortear o *Semeador* na distribuição da semente. O *Embelgador* servia-se de um pequeno arado, ou até cana, e com o saber adquirido pela experiência fazia a disposição dos regos, conforme a disposição do terreno.

## **Azeitoneira**

*Madeira e têxtil*

1947

“A mulher d’azeitona”

A apanha da azeitona é tarefa de homens e mulheres, que vai de Novembro a Janeiro.

Este trabalho fazia-se com recurso a uma grande vara que se destinava a varejar fortemente os ramos da oliveira. Por debaixo da árvores, para facilitar a apanha, eram colocados grandes panos.

A recolha da azeitona do chão era tarefa demorada e penosa. Estas eram apanhadas para “cabanejos”, para depois serem depositadas em grandes sacas. Daí seguiam para o Lagar. O proprietário do Lagar, quando não é o próprio dono das oliveiras, fica com parte do azeite transformado como pagamento pelo serviço prestado, ou recebe o mesmo em dinheiro.

## **Manageiro da Azeitona**

*Madeira e têxtil*

1947

“O manageiro d’azeitona”

O *Manageiro* era por norma o homem mais velho, com conhecimentos acima dos outros, que mandava num grupo de trabalhadores e que tratava de tudo diretamente com o *Lavrador*.

## O Roupeiro

*Madeira, cortiça e têxtil*

1948

*“O Rompeiro/ Vulgo o rôpeiro ou roupeiro”*

O *Roupeiro* era a pessoa que ia ao aprisco duas vezes por dia fazer o ordenho do *alavão* (rebanho de ovelhas que dão leite para fazer queijo e às quais foram retiradas as crias). Terminada a tarefa da ordenha, que geralmente tem a ajuda do pastor, este transporta o leite até à queijaria e pode, ou não, ser ele próprio a fazer o queijo.

## Mondadeira

*Madeira e têxtil*

1948

*“Mulher da monda”*

A Monda, tarefa que consiste em eliminar todas as plantas prejudiciais ao desenvolvimento do cereal. Hoje a monda é química, antigamente era trabalho de mulheres e raparigas, lideradas por um homem chamado de *Capataz*.

## Ganadeiro

*Madeira, têxtil e cortiça*

1947

*“As chocalhadas e a paisagem de fundo a perder de vista, máscula, viril, sem verde piegas, completa o quadro. E o ganadeiro naquele mundo com o seu puvilhar e a sua choça.” / “Ganharias, pág. 89”*

*Ganadeiro* no Alentejo significa, genericamente, guardador de gado.

A classe dos *ganadeiros* era tão numerosa como as espécies pecuárias. Assim há, entre outros, os boeiros, cabreiros, carneiros, novilheiros, poldreiros, pastores, porqueiros, vaqueiros.

Os gados intimamente ligados à terra constituíam o complemento da exploração rural. Segundo Silva Picão, os *Ganhões* diziam que *“lavoura sem gados é uma casa sem telhado”*.

## Gadanheiro

*Madeira e têxtil*

1947

*“O Gadanheiro”*

Os *Gadanheiros* eram jornaleiros que com ferramentas próprias, procediam ao corte ou gadanha dos fenos.

Era um trabalho bem pago, tendo em conta todos os outros que à jorna se executavam, era feito por grupos de trabalhadores ordenados e selecionados por

um *Manageiro*. O corte dos fenos era executado entre fins de Maio e o princípio de Julho.

### **Ganhão alentejano em dia de folga**

*Madeira e têxtil*

1948

*“Ganhão alentejano em dia de folga”*

Os *Ganhões* eram trabalhadores agrícolas que tudo faziam, alimentando-se do que lhes era dado pelos ricos lavradores das herdades. Existiam dois tipos de *Ganhões* – os de “pensão”, que é um trabalhador a tempo inteiro na herdade; e os “rasos” que são a grande massa dos trabalhadores rurais. Estes eram contratados por época de tarefa agrícola, tendo um salário mais baixo que os de “pensão”.

### **Mulher da Ceifa com pandeiro**

*Madeira e têxtil*

1947

*“Em dia de acabamento”*

No dia em que se inicia a ceifa, ainda bem de madrugada, “(...) *ultimam-se os preparativos para a marcha. As dos pandeiros e pandeiretas vão para a frente. Combinam baixinho a moda. Há discussão. Mas eis que a mais ladina, rompe o silêncio, e com voz aguda, cristalina, inicia o cante. Junta-se-lhe o côro do rancho, depois os pandeiros e pandeiretas, e aquêlê todod homogéneo, unido de corpo e alma, deslisa em passos abafados pelo cantar, a caminho da ceifa.*” (J. A. Capela e Silva, *Ganharias* pag. 136)

### **O Ratinho**

*Madeira e têxtil*

1947

*“Rodam um pouco para ficarem de costas ao vento. Estão concentrados. Alguns mexem os beiços em contracções...Rezam...” / “Ganharias” “Os Ratinhos” pag. 181*

Os *Ratinhos*, assim era chamado aos homens da região das Beiras que vinham fazer o trabalho da ceifa no Alentejo. Estes eram recrutados por *Manageiros* que pela altura da primavera já se haviam deslocado ao Alentejo para verem o desenvolvimento das searas e apalavrarem as ceifas com os *Lavradores*. Em meados de março chegavam para iniciar a ceifa que durava cerca de dois meses. Trabalhavam todos os dias, exceto no Corpo de Deus e no São João. Só o ceifeiro que não é alentejano tem este nome. Se algum *Ratinho*, terminado o trabalho da ceifa, fica no Alentejo para outro serviço aquela alcunha é substituída pela de *Galego*.

## **Ceifeira**

*Madeira e têxtil*

1948

*“Costumes Alentejanos / A mulher da ceifa”*

A ceifa era inicialmente, pela sua dureza, um trabalho masculino, participando as mulheres apenas em ceifas de menor dimensão. Quando começou a escassear o número de homens para a fazerem, nomeadamente os *Ratinhos*, a mulher foi cada vez mais recrutada para este trabalho.

Esta era a tarefa mais bem paga para as mulheres por coincidir com a época de outras colheitas e porque nem todas as mulheres tinham prática de foice.

## **Grupo em dia de acabamento**

*Madeira, cortiça e têxtil*

1947

*“Alentejo / Vivó nosso belo rancho/ que bem mereceu bandeira/ vivó ó senhor lavrador/ mais a nossa manageira” / Em dia de acabamento”*